



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **12/07/2018**

Aprovado em: **15/07/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.13.17>

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

EIXO: 13. CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

PEDRO PAULO SOUZA RIOS, LAISE DE SOUZA NASCIMENTO

**RESUMO:** O presente estudo trata de questões inerentes a atuação do/a coordenador/a pedagógico/a no âmbito escolar, enfatizando o contexto histórico dessa profissão. Abordamos ainda elementos concernentes à formação docente no curso de Licenciatura em Pedagogia, e o desafio da formação continuada de professores/as, coordenadores/as e profissionais da educação. Para tanto utilizamos como aporte teórico Libâneo (2006), Ceroni (2006), Pimenta (2011), dentre outros. Esse estudo se constitui enquanto pesquisa de caráter qualitativo e foi desenvolvida com coordenadores/as que atuam no Território de Identidade Norte do Itapicuru. A partir dessa pesquisa percebemos que o cargo de Coordenação Pedagógica exige do profissional capacitação específica para lidar com as questões vinculadas a tal profissão.

**ABSTRACT:** The present study deals with issues inherent to the pedagogical coordinator &39;s performance in the school context, emphasizing the historical context of this profession. We also deal with elements related to teacher education in the Degree in Pedagogy, and the challenge of continuing education of teachers, coordinators and education professionals. For this, we use as theoretical contribution Libâneo (2006), Ceroni (2006), Pimenta (2011), among others. This study constitutes a research of a qualitative nature and was developed with coordinators who work in the Northern Identity Territory of Itapicuru. From this research we realize that the position of Pedagogical Coordination requires the professional to be specifically trained to deal with issues related to that profession.

## **INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Quando pensamos no espaço escolar quase sempre limitamos ou focamos nosso olhar meramente no/a professor/a, direção e estudante, como fossem esses os únicos sujeitos do fazer educativo nas instituições de ensino, se assim pensamos cometemos equívocos sobre esse âmbito, pois juntamente com esses sujeitos encontramos uma série de profissionais empenhados, em desenvolver o trabalho escolar. E dentre eles está a o/a Coordenador/a Pedagógico/a, que se constitui num elemento importante no fazer pedagógico, com funções específicas e distintas dos demais.

Os saberes usufruídos pelo coordenador pedagógico são considerados “plurais, heterogêneos e interconectados”. Pois, eles/(as) de forma coordenada, compõe e recompõe suas práticas no cotidiano escolar, de maneira que atendam as exigências e demandas de sua função (ANDRÉ & VIEIRA, 2012, p.23).

Dentre os/as profissionais da educação sabe-se que a função prioritária do/a Pedagógico/a no contexto escolar é oferecer condições básicas de formação e atuação docente. Entretanto, nem sempre foi assim, por trás dessa profissão existe um contexto histórico de evolução positivas e negativas, bem como muitos mitos que por muita vezes restringem a atuação da Coordenação.

Franco (2012, p.70), salienta isso dizendo que entre as “varias lideranças que concorrem para que ações” importantes e essenciais aconteçam no “âmbito escolar, merece destaque a figura do coordenador pedagógico, que, pela própria especificidade de sua função, tem o potencial de ser o ‘maestro’ que ira articular os envolvidos no processo”.

Desse modo, no presente trabalho nos propomos abordar alguns aspectos da formação docente num contexto geral, enfatizando a formação do/a Pedagogo/a. Além disso, faremos um breve levantamento histórico acerca da trajetória do/a Coordenador/a Pedagógico/a, enfatizando algumas mudanças ocorridas, ressaltando as funções do/a Coordenador/a e sua importância dentro da instituição escolar. E por fim uma rápida reflexão salientando a importância da busca constante de preparação docente.

Para tanto, além do aporte teórico, realizou-se ainda como base desse estudo a aplicação de 10

questionários e entrevista com dois (02) coordenadores pedagógicos de escolas distintas, para comparar e analisar tudo o que foi percorrido ao longo da produção.

É válido enfatizar que essa pesquisa é de suma importância para a reafirmação da identidade profissional tanto do/a docente, que posteriormente pode atuar na Coordenação, como do próprio coordenador/a pedagógico. Justifico assim, essa pesquisa, como uma propagadora, valorizando a função da Coordenação Pedagógica das instituições de ensino.

Como também sua importância para a sociedade, principalmente a escolar, que por vezes desconhece as verdadeiras atribuições e funções de cada profissional dentro do âmbito educacional.

É importante ressaltar que a escolha dessa temática não se deu de forma aleatória, primeiramente é um tema de grande interesse entre os/as estudantes de pedagogia, por abordar elementos relacionados a uma função que muitos pretendem exercer enquanto profissionais da educação. Assim, consideramos pertinente refletir os processos de mistificação e/ou preconceitos atribuídos ao afirmar que o/a Pedagogo/a só é capacitado para ser professor das séries iniciais. Essa se constitui, portanto, uma linha de pesquisa que pretendo perpetuar na minha carreira acadêmica.

Vejo-o também, como uma produção de alertar os coordenadores já atuantes, fazendo-os repensar em suas práticas e seus resultados. Podendo assim, se autoanalisarem.

## **1. FORMAÇÃO DO DOCENTE EM PEDAGOGIA**

Ser professor é numa tarefa árdua e requer uma formação contínua, com o intuito de estabelecer diálogo permanente com as constantes mudanças tão presentes no mundo contemporâneo, proporcionando dessa forma uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, Libâneo (2006) sinaliza que para o profissional da educação não deve haver nunca a estagnação, mas a continuidade. Dessa forma, o/a docente ao tempo que ensina é também aprendente, não havendo necessariamente momentos estanques entre ensinar e aprender.

Vale ressaltar que mesmo sendo um debate antigo, ele é também atual, uma vez que muitos problemas acerca dessa temática ainda se encontram em pauta sem soluções. A exemplo “das reflexões sobre qualidade do ensino, evasão e reprovação”, que são temas já defasados. Porém, é atual pelas necessidades e exigências culturais e tecnológicas, que exigem uma constante atualização dos professores (PLACO, 2010, p.49).

Dentro desse contexto, acreditamos ser essencial uma breve retomada sobre a origem do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, por considerar que esse é uma discussão necessária.

A reformulação dos cursos relacionados à formação de educadores, no Brasil, ocorreu por volta de 1980 com a I Conferência Brasileira de Educação, realizada em São Paulo, na qual foi colocado em pauta discussões referentes às licenciaturas como o curso de Pedagogia, que aparentemente não surtiram muitos efeitos, havendo poucas mudanças nos cursos (LIBNEO & PIMENTA, 2011, p.16).

Após alguns debates, a comissão de especialistas de ensino e pedagogia, orientada pela portaria SESu//MEC n° 146 de 1998, tornou pública as diretrizes curriculares, juntamente com o Documento Norteador para a elaboração curricular para os Cursos de Formação de Professores feito em 1990, ficando acertado que,

O curso de Pedagogia destinar-se-á à formação de profissionais interessados em estudos do campo teórico-investigativo da educação e no exercício técnico-profissional como pedagogos no sistema de ensino, nas escolas e em outras instituições educacionais, inclusive as não escolares (PIMENTA, 2011,

p.18-19).

O curso de Pedagogia foi oficialmente criado em 1939, e desde então alguns equívocos o acompanham. E um deles é restringir a atuação do/a pedagogo/a apenas as séries iniciais, sendo que o parecer nº 252 estabelece claramente que a função do curso é,

Formar professores para o ensino normal e especialistas para as atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção no âmbito das escolas e sistemas escolares. Admite também, ao licenciado exercer o magistério nas series iniciais, dentro da habilitação para o ensino normal, isto é, não previu uma habilitação específica para lecionar nas séries iniciais (PIMENTA, 2011, p.22).

Libâneo (2001) ainda enfatiza que o Curso de Licenciatura plena em Pedagogia é destinado a formar profissionais capacitados para atuar em diversos segmentos do campo educacional como,

As escolas e os sistemas escolares, a pesquisa educacional, os movimentos sociais, as diversas mídias, incluindo o campo editorial, as áreas de saúde e assistência social, as empresas, os sindicatos, as atividades de cultura e lazer, a produção de vídeos e filmes educativos, a educação de adultos (inclusive a terceira idade) e outros que se fizerem necessários (LIBNEO, 2001, p.76-77).

Como podemos perceber o campo educacional é denso e repleto de profissionais. E diante dos desafios, das constantes mudanças na legislação e nas polêmicas sobre a Pedagogia, Ceroni (2006, p.5) defende o curso vinculado e integrado à pesquisa, pois não é possível pensar num pedagogo que não saiba e nem consiga pesquisar e ensinar.

Enfim, muitas discussões, debates, parecer e diretrizes foram estabelecidas no curso ao longo dos anos desde sua criação, resultando em perdas e ganhos na formação do profissional pedagogo.

Já com relação à formação docente no contexto geral, Zeichner (2008) defende permeado de razão, uma prática reflexiva tanto dos docentes, como das universidades, faculdades e órgãos públicos na reformulação dos cursos de formação de educadores pois,

Quando adotamos o conceito de ensino reflexivo, existe em geral um compromisso dos formadores de educadores em ajudar futuros professores a internalizarem, durante sua preparação inicial, as disposições e as habilidades para aprender a partir de suas experiências e tornarem-se melhores naquilo que fazem ao longo de suas carreiras docentes (ZEICHNER, p.539).

Além desse discurso reflexivo, Rios (2002) traz uma perspectiva bastante pertinente e imprescindível com relação às aptidões e o currículo que se deve basear o profissional docente, afirmando que,

O currículo a ser desenvolvido com a formação do novo educador, que deverá, sobretudo, ser capaz de integrar a dimensão técnica a uma preocupação com a ética, a estética, a política e a prática cotidiana do fazer escolar ou de garantir a articulação entre as abordagens da docência e da gestão do trabalho administrativo, pedagógico e comunitário, desenvolvidos em espaços de educação formal e não formal, evitando-se assim, a fragmentação na formação deste profissional (RIOS, 2002, p.17).

Como podemos perceber é necessário não só refletir sobre a prática docente, como também compartilhar com os demais membros do corpo escolar, as demandas e dificuldades que adentram a sala de aula e rodeiam o ser professor, como também é necessário vincular as teorias, as práticas e as atuações diárias.

## 1.2 Formação docente na contemporaneidade

O mundo moderno e o desenvolvimento tecnológico, social, político e principalmente educacional proporcionaram uma aceleração no desenvolvimento cognitivo, assim as informações tanto são disseminadas rapidamente como absorvidas, surgindo a necessidade de uma educação e formação docente contextualizada e atualizada que abarque e acompanhe essas transformações. Libâneo ressalta isso dizendo que,

[...] ante novas realidades econômicas e sociais, especialmente os avanços tecnológicos na comunicação e informação, novos sistemas produtivos e novos paradigmas do conhecimento, impõem-se novas exigências no debate sobre a qualidade da educação e, por consequência, sobre a formação de educadores. Não cabe mais uma visão empobrecida dos estudos pedagógicos, restringindo-os aos ingredientes de formação de licenciados. Não se trata de desvalorização da docência, mas de valorização da atividade pedagógica em sentido mais amplo, no qual o docente está incluído (p.40).

Nascimento & Martinazzo (2008, p.22) trazem essa concepção de formação contemporânea como um grande desafio, que exige repensar as “atuais concepções e práticas pedagógicas simplistas e fragmentadas”, partindo da reflexão das atuais práticas.

Nessa perspectiva, os autores ainda afirmam que ser professor no século XXI, conota um espírito profissional aguçado com muita vontade de aprender, com disposição para encarar o novo, tornando assim, o processo de formação prazeroso e que abarque as demandas do mundo contemporâneo, sem esquecer ou deixar de lado a competência e profissionalismo ((NASCIMENTO & MARTINAZZO, 2008, p.6).

Como é perceptível o contexto atual exige não só do professor, mas também de todo profissional um jogo de cintura e a capacidade de lidar além dos problemas diários e corriqueiros do cotidiano escolar, com as dificuldades que emergem com os avanços sociais e tecnológicos.

Ser professor/a na contemporaneidade, além de sua formação, requer refletir também sobre sua identidade dentro de todo esse contexto citado, pois, “toda profissão afirma uma identidade, identidade profissional do professor é uma maneira de ser professor”. (NASCIMENTO & MARTINAZZO, 2008, p.6).

Essa identidade implica na constante atualização do docente, de sua formação contínua, não se atendo apenas à formação inicial, delongando-se durante o exercício de sua atuação com uma relação dialética e de troca de conhecimentos (NASCIMENTO & MARTINAZZO, 2008, p.6).

Dentro das perspectivas identidade mais mundo moderno, cabe também a prática reflexiva do professor sobre ele mesmo, sobre sua atuação, metodologias e sobre seu traquejo cotidiano.

Enfim, o docente, professor, mestre, educador ou como queira chamar, não se molda apenas em uma sala de universidade e nem só dentro de uma sala de aula, ser professor é uma aglutinação de teoria, prática, reflexo, formação contínua e profissionalismo.

## 2. COORDENADOR/A PEDAGÓGICO/A: ENTENDENDO ESSA FUNÇÃO

O âmbito escolar é um ambiente complexo, recheado de desafios e problemas, e sabemos que lidar

com as diferenças não é uma tarefa fácil, conviver e gerenciar pessoas diferentes, com gostos e opiniões opostas. Labutar com adultos, crianças, jovens, adolescentes, professores, alunos e funcionários, harmonizar toda essa heterogeneidade a ponto de promover o ensino e aprendizagem de forma eficaz torna-se proposição, havendo assim, a necessidade da atuação de pessoas capacitadas para enfrentar essa problemática.

Dentro desse contexto aparentemente turbulento surge a figura do profissional, responsável por criar metodologias, formar professor e dar suporte as ações educativas: O Coordenador Pedagógico, uma figura indispensável dentro de qualquer instituição de ensino.

Etimologicamente a palavra Coordenador vem do latim, e ao pé da letra quer dizer: organização; ação de coordenar, de organizar, de concatenar vários elementos, atividades, serviços e a coordenação das atividades da escola (FERREIRA, 2010).

É nessa perspectiva que Santos & Santos (2014; p.9) afirmam que o coordenador antes de tudo precisa ter prática docente, pois só quem já vivenciou os conflitos de uma sala de aula está apto a criar metodologias capazes de abranger da melhor maneira possível as deficiências dos outros docentes e principalmente dos alunos.

Segundo dados históricos a profissão do/a coordenador/a pedagógico/a surgiu baseada no autoritarismo, na fiscalização e na vigilância do trabalho dos professores. A princípio o/a Coordenador/a exercia um papel de supervisor e orientador, que respectivamente trabalhava direto com o professor e que lidava com problemas relativos aos alunos.

Santos & Santos (2014) relatam que o termo coordenador pedagógico na década de 1980 era uma conotação negativa e vinculada ao responsável por controlar rigidamente a prática pedagógica dos professores, sendo conhecido por Supervisor ou Fiscal Pedagógico.

Porém, ao longo do tempo essa função ou profissão foi se lapidando, até mesmo para acompanhar o desenvolvimento da sociedade e conseqüentemente das demandas escolares, sendo oficialmente oficializada no início dos anos de 1970.

Com a Lei Estadual nº 7.023, de 23/01/1997, regulamentada pelo Decreto nº 6.471 de 01/06/1997, houve a extinção dos cargos de supervisor escolar e orientador educacional e a criação do coordenador pedagógico que passa a assumir as atribuições dos cargos extintos e assim todos os outros estados também regulamentaram a função do coordenador pedagógico (SANTOS & SANTOS, 2014, p.33).

Apesar da regulamentação e reconhecimento desse cargo, muitos mitos e falta de informação permeiam a atuação tanto do pedagogo como do coordenador, criando situações que dificultam sua atuação didático-pedagógico, trazendo prejuízos para todos os sujeitos envolvidos no processo escolar.

Considerando a incumbência formadora desse ilustre profissional, é importante enfatizar que as tarefas atribuídas a ele são as de cunho político e pedagógico, promovendo ações que viabilizem a atuação e formação continuada docente, proporcionando metodologias adequadas que sanem os problemas da aprendizagem.

André & Vieira (2012) permeados de razão reafirmam que o coordenador é responsável pelo “papel de articulador do projeto político pedagógico da escola”, estabelecendo um processo contínuo de formação de professores, sendo essa sua função primordial (p.23).

Santos & Santos (2014) delimitam, ou melhor dizendo, amplificam as funções e deveres do

coordenador, enquanto docente, formador e profissional,

É dever de preparar e acompanhar os processos em atitude de colaboração com o ISSN: 1981-3031 o projeto político pedagógico da escola, num processo contínuo de formação de professores, [...], além de organizar e desenvolver o currículo em parceria com a comunidade escolar; prestar assistência aos professores na elaboração dos planejamentos e práticas de avaliação; diagnosticar problemas de ensino e aprendizagem, e adotar medidas preventivas, adequando conteúdos, metodologias e avaliações, além de coordenar atividades de formação continuada (SANTOS & SANTOS, p.4).

Os autores ainda ressaltam que cabe também nas suas atribuições do coordenador pedagógico,

O papel de gerir o projeto político pedagógico em parceria com os professores, alunos, pais e a equipe administrativa, criando situações de debates e ações, mostrando a importância da colaboração de todos para o bom desempenho desse projeto, também a participação em reuniões pedagógicas e de planejamentos (SANTOS & SANTOS, 2014, p.3).

Como podemos perceber, o campo de atuação desse profissional é muito vasto e dentro dessa imensidão de funções, o coordenador por vezes acaba se perdendo em suas práticas, exercendo atividades que não lhe competem.

Acerca disso, Geglio (2010, p.115) aponta que enquanto os demais auxiliares que compõem o corpo escolar, secretários, diretores e demais funcionários possuem atividades delimitadas e específicas, o coordenador efetua inúmeras tarefas que não lhe dizem respeito, tirando assim o foco de suas atividades, caracterizando como desvio de função.

A exemplo dessas tarefas, Geglio (2010) destaca que é possível apontar atividades que não são de sua competência como,

Preencher diários e tarjetas de notas e atas, servir merenda aos alunos, resonsabilizar-se pela entrada e saída dos alunos. Outras funções, tais como: organização de eventos extracurriculares e substituição ou representação da direção da escola, com frequência ocorrem, mas caracterizam, a nosso ver, nem sua função, mas desvio dela (GEGLIO, p.15).

Geglio (2010) foi muito feliz em suas colocações de desvio de funções, mas acredito que ocorrências inesperadas fazem parte do contexto escolar, e o coordenador assim como os demais membros da instituição podem e até devem ser colaboradores na deficiência de caráter de urgência, desde que isso não seja rotineiro, caracterizando o desvio de função, tornando o espaço escolar, nessa perspectiva, não democrático, mas com divisão de responsabilidades injustas.

Dentro de todas essas problemáticas que envolvem a comunidade escolar, faz-se necessário a atuação de profissionais conscientes de seus papéis, que carreguem consigo suas metas e objetivos, que pensem e façam no coletivo, sujeitos cientes de sua própria identidade, aptos a resolverem possíveis e previsíveis problemas dentro de sua função.

Delimitando essa identidade para o coordenador pedagógico, enquanto mediador que faz a ponte de ligação entre o professor, aluno e aprendizagem, pleiteia-lhe a reflexão e constante atualização de sua prática em busca de metodologias, teorias e suportes que viabilizem o ensino-aprendizagem.

André & Vieira (2012, p.22) além dessa reflexão defendem também a provocação, o constante questionamento e busca de identificação de suas necessidades para a atuação atualizada no processo de aprendizagem. Esse questionar constante e sistemático que inclui o estudo e a crítica às

teorias e à própria prática é parte do trabalho do coordenador pedagógico.

Entramos a partir de agora em uma discursão que no meio acadêmico virou modismo, muitas vezes faltoso de reflexão, a chamada formação continuada de professores e profissionais da educação.

### **3. FORMAÇÃO CONTINUADA: UM DESAFIO PERMANENTE**

Nossa sociedade está em constante atualização, sendo necessário cada vez mais estar preparado, principalmente quando pensamos na formação de professores. Essa demanda de formação se deu principalmente pelo grande número de pessoas que conseguiram entrar em níveis mais avançados de educação, e se a 40 anos atrás o ensino médio se constituía como um nível elevado, hoje em dia, há uma demanda maior por ensino superior e conseqüentemente pela formação continuada.

O Brasil é considerado um dos países com maior percentual de analfabetismo, além de ser o país com maiores índices de formação de educadores inadequadas. Segundo Magalhães & Azevedo (2015, p.17), embasados pelo Plano Nacional de Educação – PNE, somente “74,8% de professores que atuam na Educação Básica possuem curso superior, mas apenas 32,8% que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental e 48,3% dos que lecionam no ensino médio [...] tem licenciatura na área em que atuam”.

Essas porcentagens demonstram o quanto ainda temos uma educação deficitária, com necessidade de rápidas mudanças, representando também uma falha na fiscalização da legislação que prevê formação específica para todos esses profissionais.

O Brasil está longe de resolver todas as questões inerentes à educação, pois as deficiências nessa área indispensável vêm se arrastando a anos, e infelizmente afeta a maioria da população. Mas afinal de contas, o que é formação docente Por quem ela deve ser colocada em prática Quem são os responsáveis Quais resultados devemos esperar dela

Em primeiro lugar é válido ressaltar que muitas vezes a formação inicial, graduação, não se constitui um meio 100% eficiente para prática de qualquer perfil profissional, principalmente o docente, já que as pessoas mudam constantemente, sendo necessária a atualização de informações.

Quando pensamos na formação continuada no ambiente escolar, muitos limitam essa prática somente aos professores, já que ideologicamente esses são os detentores do conhecimento na sala de aula. Ledo engano, todos os envolvidos no contexto escolar diretores, auxiliares, merendeiras, coordenadores, etc., precisam estar a par das novas informações, pois, a educação não se faz de maneira restrita, mas no coletivo.

Então, sabemos que muitas mudanças ocorreram na educação, e todas elas estão materializadas na Lei de Diretrizes e Bases – LDB, esse documento faz menção a muitas áreas educacionais, dentre elas a formação de professores. Os artigos 61 a 65 salientam a importância dessa formação ser reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que atendam às necessidades da atividade exercida, faça vínculo entre teoria e prática, e esteja associada a formação prioritária do profissional (MAGALHAES & AZEVEDO, 2015, p.20).

Apesar, de o governo viabilizar alguns cursos de formação continuada de professores, acredito que a acumulação de cursos não dê realmente sentido à formação se a mesma não for permeada de ação com reflexão e de uma auto avaliação da própria prática. Dassoleri & Lima (2012) evidenciam que,

Pensa-se na formação continuada como atitude fundamental para o exercício profissional docente no intuito de estimular a busca do conhecimento e o aprimoramento da prática pedagógica. Um olhar atento a seu respeito poderá contribuir para futuras pesquisas e servir de base para formação docente



permanente, em vista de um trabalho social e humanizado (DASSOLERI & LIMA, 2012, p.2).

Dessa maneira compreendemos que a formação docente e a formação continuada são dois elementos indispensáveis na carreira de todo profissional da educação, capacitando-lhes a exercer a função que cabe a cada qual da melhor maneira viável.

#### **4. METODOLOGIA**

Segundo Minayo (2004, p.43), a metodologia não contempla apenas a fase exploratória da pesquisa de campo, e não deve ser reduzida a uma descrição dos métodos e técnicas que a pesquisa irá utilizar. Ela é uma parte fundamental onde os possíveis caminhos que o estudo irá trilhar serão traçados para chegar aos objetivos do mesmo.

Dentro do tema proposto, procuraremos os melhores caminhos e métodos para alcançar nossos objetivos. Para tanto, definiremos os sujeitos participantes, os instrumentos para coletar dados e o local onde acontecerá a investigação.

### **4.1 Tipo de Pesquisa**

Visando compreender a função do Coordenador Pedagógico no espaço escolar, utilizaremos para o desenvolvimento do estudo uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa está relacionada com as questões sociais, as quais não podem ser quantificadas, como relata Minayo (2004),

[...] Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2004, p.21-22).

Esse estudo é além da abordagem qualitativa, também de cunho descritivo, uma vez que tem como foco descrever, analisar e colocar em pauta as características de uma determinada região, fenômeno, ou grupo social. No caso específico desse estudo, relatamos elementos inerentes à atuação do coordenador pedagógico (GIL 1991, p.46).

### **4.2 Instrumentos de coleta de dados**

Buscar dados e informações sobre o tema que está sendo estudado é uma etapa essencial na construção de um artigo científico. Para tanto, escolhemos como ferramenta para recolher dados e informações o questionário.

Escolhemos o questionário por se tratar de uma técnica viável de ser aplicada, garante o anonimato dos participantes, abrange um número considerável de sujeitos e através das questões obtemos importantes informações.

#### **4.3 Lócus e Sujeitos da pesquisa**

A pesquisa teve como *lócus* o município de estudo, num total de sete (07) escolas da rede pública

municipal e estadual do município de Campo Formoso – Bahia.

Nesse sentido é pertinente dizer que as escolas atendem desde as séries iniciais até o ensino médio.

Os sujeitos são sem via de dúvidas, peças indispensáveis em qualquer estudo, pois, eles nos possibilitam uma compreensão aprofundada sobre a temática pesquisada, abrindo um leque de possibilidades para a análise dos dados colhidos.

Responderam ao questionário fechado um total de dez (10) coordenadores/as, sendo que 60% são mulheres e 40% são homens. Todos/as com formação superior em distintas licenciaturas. Licenciatura em Pedagogia corresponde a 30%; História e Geografia a 20% cada uma; Letras, Matemática e Biologia correspondem a 10%, cada uma das licenciaturas.

Na entrevista semiestruturada participaram um (01) coordenador e uma (01) coordenadora, ambos com Licenciatura em Pedagogia, obedecendo ao critério de disponibilidade em conceder a entrevista. Esses dois sujeitos no decorrer das análises serão denominados por nomes fictícios, escolhidos por eles mesmos: Maria e João.

No primeiro momento fomos pessoalmente às escolas, conversamos com os/as coordenadores/as, explicitando acerca do problema pesquisado. Em um segundo momento, entregamos o questionário, e recolhemos posteriormente, segundo o prazo estabelecido por cada coordenador/a.

## **5. O FAZER PEDAGÓGICO DO/A COORDENADOR/A**

De acordo Pimenta & Lima (2004), a identidade do Professor Coordenador/a Pedagógico/a se constrói durante a sua caminhada profissional, com as experiências, história de vida, em grupo e na sociedade, contudo o que se tem percebido é que o/a coordenador/a pedagógico/a no Brasil tem se constituído em cargos políticos, concedidos por indicação política, conforme sinalizou 100% dos sujeitos da pesquisa ao responderem como chegaram ao cargo de coordenador/a. João descreve como assumiu o cargo de coordenador pedagógico,

Você sabe que nosso município tudo gira em torno da politicagem. Eu entrei na coordenação por indicação, em uma escola que eu já tinha sido professor. Como conhecia a escola, suas dependências e funcionamento, não foi difícil me adaptar à coordenação.

Nesse sentido, Libâneo (2006) argumenta acerca da importância de se ter formação específica, reforçando que os processos educativos precisam ser transparentes e éticos.

Com relação ao desvio de função o mais comum, é a substituição constante de professores, 90% dos/as coordenadores/as afirmaram que substituem os/as professores/as que faltam as aulas. Sendo que 50% garantem ser essa uma prática constante. Do total, 20% relataram que acontece esporadicamente, 20% com certa frequência e apenas 10% nos informou que nunca exerceu a prática de substituição docente.

Santos & Santos (2014, p.9) apontam que antes de assumir o papel da coordenação pedagógica de uma instituição de ensino, é extremamente necessário ter passado pela experiência da sala de aula, pois o doente assim poderá exercer essa função com mais competência. E realmente, 100% dos coordenadores afirmaram nos questionários que tiveram a experiência docente antes de atuar na

coordenação.

No que tange ao uso de estratégias de avaliação dos professores, apenas 30% certificaram usar os índices de aprendizagem, 100% usufruem do diálogo como principal instrumento, 60% dizem observar as práticas docentes, e 50% transitam entre a participação dos professores nas aulas e reuniões, dentre outros métodos e estratégias.

Na auto avaliação de suas práticas e cumprimento de suas reais atribuições (formação docente, métodos de aprendizagem, suporte, etc.), sem exercer ou adentrar em outras áreas de atuação, 60% se consideram bons, 30% razoáveis e apenas 10% excelentes. No que tange a formação ou cursos da área, menos de 60% afirmaram frequentar eventos relacionados, tenham formação em gestão, ou cursos que lhes garantam maior suporte profissional.

## 5.1 Coordenação Pedagógica: da teoria à prática

Segundo Serpa (2011, p.14), o coordenador “vive crise de identidade”, pois, em seu cotidiano, realiza tarefas que não concernem com a sua principal função, conforme sinaliza João ao afirmar que,

Totalmente preparado eu não fui, o curso de pedagogia oferecia algumas disciplinas que entram nessas áreas de coordenar, de gestão e tal. Mas eu acredito que nada como a prática, o enfrentamento do cotidiano sabe... de tá (*sic*) alí e de repente tem problema e você tem que se rebolar nos trinta (30) pra resolver, pra ir conversar com o professor, pra pensar em metodologia, chega a ser cansativo (JOÃO).

Maria relata que não se considera completamente preparada, mas o curso de Licenciatura em Pedagogia lhe deu bastante suporte: “a disciplina que falava de coordenação pedagógica, que me preparou sim, aprendi os ofícios dessa profissão”.

As falas desses coordenadores comprovam que é indispensável não só a formação, como a constante atualização e a formação continuada, tanto dos coordenadores como professores, já que esse profissional, muitas vezes, realiza tarefas que não lhe compete: cuidar de questões financeiras e burocráticas, substituir os professores que faltam, ser o ajudante do diretor, um inspetor que detecta problemas de comportamento dos discentes e docentes.

O coordenador tem muitas funções dentro da escola. Fico a semana toda aqui e me empenho bastante. Nós fazemos as reuniões quinzenais de planejamento com os professores, as sextas feiras depois das 10 horas. Atendo os pais, preparamos os eventos, ajudamos no que precisar (MARIA).

Eu sei que em toda profissão tem o que você deve fazer ali definido, mas eu sempre vi o coordenador como um organizador dos professores e da escola mesmo, a direção está envolvida com as questões burocráticas, o pessoal dos serviços gerais com a segurança, limpeza, merenda e os professores com as aulas, sala de aulas. O coordenador então acaba pensando em como organizar as festas, o que passar nas reuniões com os professores, como atender cada professor que vêm com as queixas e dificuldades, quais os melhores horários para intervalo, merenda, enfim, são muitas coisas (JOÃO).

As falas acima apontam parcialmente o despreparo em relação à função do/a coordenador/a pedagógico/a e acabam por comprovar e efetuar e perpetuar práticas que não competem ao/a coordenador/a pedagógico/a. corroborando com o que Santos & Santos (2014) definem como “o quebra galho” ou “apaga incêndios”

Porém, os coordenadores não veem as práticas de substituição de professores, trabalhos da secretária, entrega de merenda, dentre outras, como desvio de funções, mas como uma ajuda ao corpo escolar, conforme justifica Maria,

[...] em sua pesquisa você fala de equívocos da coordenação, desvio de função, mas acredito na parceria dos professores, eu já substituí muitas vezes quando eles faltam e não botam uma substituta. Na escola surge muitos problemas todo dia, e mesmo que não seria nosso ofício e sabemos resolver acabamos nos metendo, não tem jeito [...].

Sobre isso João justifica que,

[...] é uma profissão que exige muito, você acaba se envolvendo muito com tudo na escola, e assim como os professores precisa de planejamento, precisa de metas, precisa saber o que falta na escola, qual problema na aprendizagem dos alunos, é muita coisa, é mais do que um simples cargo, é muita responsabilidade.

Nesse sentido, Libâneo (2001, p.82) aponta que “[...] o coordenador não sabe quem é e que função deve cumprir na escola. Não sabe que objetivos persegue”.

Podemos dizer, portanto que se trata de um sujeito que não tem consciência do seu papel de orientador/a e diretivo/a. Assim, podemos dizer que o/a coordenador/a enfrenta o desafio de construir seu novo perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação, porém precisa resgatar sua identidade e consolidar um trabalho que vai muito além da dimensão pedagógica, “possui caráter mediador junto aos demais educadores, atuando com todos os protagonistas da escola no resgate de uma ação mais efetiva e de uma educação de qualidade nas escolas” (GRINSPUN, 2006, p.31).

Dessa maneira pode-se dizer que o/a coordenador/a é um/a profissional que precisa ter a convicção de que qualquer situação educativa é complexa, permeada de conflitos, demandando assim um trabalho integrado, com clareza de objetivos e propósitos construindo sua autonomia profissional.

## CONCLUSÃO

É indubitável que a coordenação pedagógica é um ofício de extrema importância no fazer pedagógico dos espaços escolares. Pois, as funções exercidas pelos coordenadores (as) não são somente permeados por mitos, equívocos e desvio de funções, ela se trata também de uma profissão complexa com muitas tarefas cotidianas, que exige do profissional habilidade para lidar com conflitos que certamente surgirão, como também é necessário aptidão para lidar com o público escolar.

Tendo como base a revisão bibliográfica, artigos, livros e produções lidas sobre a área, os dados recolhidos através dos dez questionários, as duas entrevistas abertas e os conhecimentos adquiridos ao longo da academia, principalmente na disciplina Coordenação Pedagógica, podem constatar que o coordenador pedagógico, infelizmente, acaba em sua prática diária exercendo papéis que vão além de suas funções, bem como, nem todos tem o conhecimento da delimitação da sua profissão.

Podemos detectar ainda, abro parênteses e saliento que pesquisamos apenas profissionais do município de Campo Formoso, que lamentavelmente, esse cargo é atribuído por indicação política, um fator negativo, pois, muitas vezes, acabam sendo pessoas incapacitadas para o cargo. Percebemos ainda que apenas 30% são formados em Licenciatura Plena em Pedagogia, e mais da metade adentra no cargo sem conhecimentos prévios que a função exige.

E por fim, concluímos que a formação continuada é sem via de dúvidas, um fator indispensável, não

só para os docentes em atuação, como para os coordenadores pedagógicos, pois, elas garantem a constante atualização de informações. Considerando os objetivos propostos no início dessa produção, acredito que tenhamos chegado a um resultado positivo, no sentido de alcance das metas. Foi uma produção que exigiu esforço e demandou bastante pesquisa e debates, mas com certeza será importantíssimo em minha formação acadêmica. Acreditamos que mesmo com o fechamento desse trabalho ainda existem possibilidades de novas pesquisas, ficando em aberto a continuação da temática, que pretendo perpetuar em minha constante formação.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Maria Eliza Damalzo e VIEIRA, Marli M. da Silva. **O Coordenador e questões dos saberes**. Pgs, 11 à 23. 6.ed. São Paulo: Edições Layola, 2012.

CERONI, Mary Rosane. **O perfil do pedagogo para atuação em espaços não-escolares**. Congresso. Internacional. Pedagogia Social Mar. 2006.

DASSOLER, Olmira Bernadete. LIMA, Denise Maria Soares. **A formação e a profissionalização docente: características, ousadia e saberes**. ANDEP.Sul 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. 8ª edição. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANCO, Francisco Carlos. O coordenador pedagógico e a questão do protagonismo juvenil. **In.:** O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade. P.61-80. 6º edição. São Paulo. Editora Layola, 2012.

GEGLIO, Paulo César. O papel do Coordenador na Formação de professor em serviço. **In.:** O Coordenador Pedagógico e o cotidiano escolar (org) PLACO, Vera M. N de Souza, ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Loyola. p.61 à 82. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª Edição. São Paulo, Atlas, 1991.

GRINSPUN, Mirian. **A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora Novas exigências educacionais e profissão docente**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBNEO, José Carlos de. PIMENTA, Selma Garrido. **Formação dos Profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança**. Editora Cortez. 3ª Edição, São Paulo, 2011. p.15-61.

NASCIMENTO, Lizandra Andrade. MARTINAZZO, Celso José. **A formação de professores na contemporaneidade: desafios e Perspectivas**. ANPESul, Itajaí-SC, 2008.

MAGALHÃES, Lígia Karam Corrêa de. AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza. **Formação continuada e suas implicações: entre a lei e o trabalho docente**. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 95, p.15-36, jan-abr.2015.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**. Editora

Cortez. 3ª Edição, São Paulo, 2011.

PLACO, Vera Maria Nigro de Souza. **O Coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola**. São Paulo. Edições Layola, 2010.

RIOS, T. A. Competência ou competências na formação de professores. **In.:** Didática e práticas pedagógicas: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

SANTOS, Laíse Alves do. SANTOS, Fernanda Lays da Silva. **Uma reflexão sobre o trabalho do Coordenador Pedagógico: o significado da identidade profissional**. VII EPAL (Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas) 2014

SERPA, Dagmar. Coordenador pedagógico vive crise de identidade. Edição especial “Os caminhos da coordenação pedagógica e da formação de professores”. Fundação Victor Civita, Edição Especial, nº 6. Junho/2011.

ZEICHNER. Kenneth. **Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p.535-554, maio/ago. 2008.